

## Apresentação

Com certeza esse ano não foi normal para nós. O reitor Zago, funcionário exemplar de Geraldo Alckmin, tentou impor medidas de precarização das condições de estudo e trabalho.

Nós que já sofríamos **com a falta de bolsas e estudo e permanência, salas de aula lotadas, uma pró-aluno sem impressões e poucos computadores funcionando, vimos a situação ficar ainda pior**. Para xs calourxs que ingressaram no curso com grandes expectativas, esse cenário foi um verdadeiro **balde de água fria** (no início do ano ainda havia água em SP!). Para xs mais pobres e oprimidx, muitas vezes tivemos que fazer a escolha entre imprimir nossos textos ou freqüentar o bandeirão.

As medidas de Alckmin e Zago **afetaram também xs professorxs e funcionárixs, com a tentativa de arrochar os seus salários**.

Por tudo isso, e pela falta de diálogo do “reitor do diálogo”, vivemos **a maior greve que a USP já teve**. Foram 3 meses sem aula, sem bandeirão e com diversos problemas para quem procurava resolver suas pendências acadêmicas e de permanência. **Mesmo com essas dificuldades, funcionários e professores conquistaram uma importante vitória política** contra o projeto precarizante de Zagonóquio e do Picolé-de-chuchu. Mas foi o primeiro passo!

Desde a volta às aulas, percebemos que muitos problemas continuam, **e tendem a se aprofundar no próximo ano**. Com a reeleição de Geraldo Alckmin no primeiro turno e o aprofundamento da crise financeira da universidade (já está prevista a perda de R\$220 milhões da arrecadação da USP), **o PSDB tentará impor suas medidas com toda a força**.

A falta de funcionárixs e professorxs, **que já é uma realidade no nosso curso, vai avançar** com o PDV (Plano de Demissões Voluntárias) e a aposentadoria de várixs professorxs sem reposição, diminuindo a capacidade administrativa do departamento, a oferta de matérias e gerando ainda mais superlotação das salas e problemas de infra-estrutura do prédio.

**Como vamos nos graduar desse jeito?!**

Tudo o que já conquistamos foi fruto de muita **participação política** e precisamos **revivê-la no curso, de forma inovadora e muito ampla**, contemplando **Todas As Vozes!** do curso para impedir retrocessos sociais como o avanço do machismo, do racismo, da xenofobia e da LGBT\*fobia e a precarização da nossa educação!

**Queremos um movimento estudantil amplo e participativo, que ouça Todas As Vozes!**

**A vida acadêmica é rica em diversos sentidos**. Somos chamadx a descobrir um mundaréu de gentes, ideias, concepções de vida das mais variadas formas. Trazemos o mundo em que vivemos para se chocar com tantos outros mundos. Das salas de aula, do vão da história em meio a leituras solitárias junto as vigas que sustentam nosso prédio ou em conversas em alto e bom som nas mesinhas por nós tão freqüentadas, nos anfiteatros e no aquário ecoam às discussões políticas e acadêmicas que dão vida a esse espaço.

**Todos esses espaços de vivência são importantes** para a formação de nossas opiniões, inclusive sobre a universidade, **qual deve ser seu caráter, quais são seus problemas e suas possíveis soluções**.

**Infelizmente, nos últimos anos, o movimento estudantil no nosso curso se afastou desses espaços**, da vida cotidiana dos estudantes. Ficou restrito a espaços que tem sua importância, **mas muitas vezes não são confortáveis ou atrativos para nós**, como as Reuniões Ordinárias do Centro Acadêmico, as Assembleias de Curso, as Plenárias Departamentais. Esse é um dos maiores motivos para que estes mesmos espaços estejam há tanto tempo tão vazios. O próprio CA muitas vezes é desconhecido. Uma pergunta muito comum que passa pela cabeça dxs studentxs de história é: qual a função daquela salinha apertada chamada CAHIS que fica lá no Espaço Aquário? Pra que serve um Centro Acadêmico? Pra que diferentes chapas disputam a gestão da entidade?

Acreditamos que **essa dinâmica do movimento estudantil no nosso curso precisa mudar!** É necessário que nós, studentxs, possamos ter nossa participação política garantida, de forma ampla! E para isso, achamos que o nosso Centro Acadêmico tem um papel muito fundamental. É essencial que o centro acadêmico **esteja disposto a incorporar as propostas dxs studentxs do curso** para que o movimento estudantil transcenda os espaços das assembleias e das plenárias e se transforme **no movimento e nas discussões cotidianas dos estudantes**.

Queremos incentivar a criação de mais comissões abertas, atribuindo-lhes mais autonomia nas decisões. Ou seja, uma **comissão de cultura** para todxs aqulxs que gostam e queiram organizar festas, saraus, cervejadas, intervenções

culturais no nosso prédio; **comissão de comunicação** para elaboração de um Jornal do CAHIS, movimentação da página no facebook com notícias e informações; **comissão de finanças** para termos mais transparência e agilidade nas prestações de contas; **grupos de estudo**, para estimular nossa livre discussão e produção acadêmica; **comissão de opressões** que esteja sempre em contato com os coletivos feministas, de negras e negros e LGBTQs para poder atuar e intervir no nosso cotidiano. Além disso, fomentar novos espaços, e se apropriar de outros que já existem para nós é muito importante. Queremos mais ciclos de debates, mais saraus, mais oficinas, mais cervejadas! Queremos que todas as vezes se apropriem do nosso Centro Acadêmico e do movimento estudantil!

Por isso, **Todas As Vozes!** é a definição do Centro Acadêmico que queremos. Uma **entidade** em que todas e todos nós, estudantes de história, nos sintamos a vontade para nos envolver, debater política, preparar uma festa, participar da reunião do jornal, tomar café, repensar um novo modelo de grade curricular, encontrar xs amigxs, organizar uma mobilização em defesa da pró aluno, cochilar no sofá do cahis... Uma entidade constantemente vivenciada, construída e transformada por todas as vozes do nosso curso.

-Por uma caixa de sugestões permanente localizada na rampa, pra que xs studentxs que não podem participar das assembléias de curso também possam construir o CAHIS!

- Por comissões abertas a todas e todos que quiserem participar, com a tarefa de organizar os mais diferentes aspectos da vida do curso: festas e eventos culturais, comunicação, finanças, etc.

- Por um Jornal dxs studentxs de história, aberto à todxs que quiserem participar com poemas, opiniões políticas, discussões acadêmicas, etc.

-Por mais festas, saraus e atividades culturais organizadas pelo centro acadêmico!

-Organizar um espaço na página do CAHIS do facebook para que xs studentxs divulguem poemas, textos ou simplesmente opiniões sobre os variados temas.

-Dar vida ao espaço físico do CAHIS, organizando mutirões de limpeza e tendo iniciativas como a venda de cerveja e cigarros, pra que as portas estejam sempre abertas.

-Organizar um espaço de doação de xerox

### **O combate às opressões e o apoio aos oprimidos precisa ser prioridade do movimento! Queremos uma USP preta, feminista e colorida!**

Esse ano foi um ano central na luta contra as opressões dentro da universidade. Pudemos ver (e continuamos vendo) mulheres, negrxs e LGBTQs **avançando em sua auto-organização**. Logo no primeiro semestre, ocorreu o Encontro LGBT da USP, que reuniu cerca de 150 pessoas na Faculdade de Educação ao longo de um final de semana e debateu, principalmente, a questão trans na universidade, **deliberando uma campanha pela aprovação do projeto de lei João W Nery de Identidade de Gênero e pelo uso do nome social na universidade**.

No segundo semestre, foi a vez do Encontro de Mulheres Estudantes da USP (EME), que contou com a presença de aproximadamente 200 mulheres e tirou a campanha **"Chega de violência contra a mulher, por uma universidade feminista!"**, que reivindica (entre outras coisas) a **criação de um Centro de Referência para lidar com casos de violência contra a mulher**. E já há um projeto por parte do movimento negro da USP de realizar, ano que vem, **o 1o Encontro de Negros e Negras para debater a questão racial dentro da universidade**. Vale ressaltar, também, a importante mobilização dxs negrxs durante a greve dos três setores que aconteceu esse ano, durante a qual **a questão do racismo e a luta por cotas foi colocada em atividades e em espaços do movimento**.

Ainda assim foram divulgados, durante esse ano, diversos casos que deixaram **cada vez mais claro que vivemos em um mundo opressor**. A ofensa racista direcionada a Aranha, goleiro do Santos, o discurso homofóbico e moralista de Levy Fidelix, candidato à presidência, e a morte de Jandira, mulher que não teve acesso ao procedimento do aborto, por esse ser ilegal, são todos exemplos **da necessidade de nos fortalecermos contra as opressões, e a USP não está excluída disso**. Casos de mulheres sendo **assedeadas e estupradas em festas**, professores fazendo **comentários racistas e homofóbicos** em sala de aula e **pessoas trans\* sendo alvos de piadas** demonstram que há muito o que fazer para que todxs xs estudantes estejam seguros e confortáveis na universidade. **Não podemos deixar que essa pauta continue sendo colocada em posição secundária nos debates políticos dxs studentxs!**

Acreditamos que **é papel do Centro Acadêmico se posicionar ao lado dos grupos oprimidos, fortalecendo espaços auto-organizados**, como o coletivo feminista Maria Bonita, aceitando e divulgando denúncias de casos de opressão, **reivindicando um plano de segurança que contemple as mulheres, negrx e LGBTQs estudantes**, apoiando os

movimentos contra a opressão mais amplos da universidade, **exigindo respostas do departamento** ou **realizando atividades que aprofundem o debate** entre os estudantes.

O nosso Centro Acadêmico **deve sempre ouvir as demandas dxs oprimidxs e dar respostas concretas para combater o racismo, machismo e LGBTfobia**. Especialmente porque, **historicamente, mulheres, negrxs e LGBTs são desestimulados a participarem de espaços políticos**.

Mesmo no movimento estudantil, podemos ver claramente que a maioria das figuras públicas são homens brancos, héteros e cisgêneros. **Precisamos não somente apoiar, mas estimular a auto-organização desses setores** (como ocorre no coletivo feminista da História e da Geografia, o Maria Bonita).

Outra parte central na luta contra as opressões é se mostrar sempre disposto a **divulgar denúncias de casos de machismo, racismo e LGBTfobia**. Sabemos que o ambiente universitário não está livre de casos do tipo, sendo crucial que a principal entidade do curso se coloque sempre a disposição para divulgar e debater quaisquer casos que sejam denunciados no departamento - sejam contra estudantes ou professores, que frequentemente levam para sala de aula esse tipo de prática.

Precisamos de um **CAHIS ao lado dxs oprimidxs**. Que lute **por cotas raciais, para a inclusão dxs negrxs dentro da universidade**. Que **exija que o nome social de pessoas trans seja reconhecido pelo departamento, sem a necessidade de um longo (e muitas vezes ineficaz) processo burocrático**. Que se posicione ao lado da Frente Feminista nas suas **revindicações por respostas efetivas da universidade quanto a casos de machismo**, para que denúncias de estupro não sejam apenas rabiscos sem resposta nas portas dos banheiros femininos. Que reivindique um **plano de segurança alternativo, não militarizado**, que contemple mulheres, negrxs e LGBTs. Enfim, que esteja na luta **por uma universidade preta, feminista e colorida**, que seja confortável para **Todas As Vozes!**

Nos propomos a:

- Dar apoio à construção do Encontro de Negros e Negras na USP que está sendo elaborado pelo movimento negro, nos dispendo a divulgar eventos, materiais e contribuir financeiramente, se necessário.
- Dar apoio à coletivos auto-organizados que existem e dar suporte para a organização de coletivos novos.
- Realizar atividades em conjunto com as entidades feministas, negrxs e LGBTs da universidade.
- Apoiar a campanha "Chega de violência contra a mulher, por uma universidade feminista!" tirada no Encontro de Mulheres Estudantes de 2014, com propostas como a criação de um Centro de Referência na USP para lidar com casos de violência machista.
- Criar uma Secretaria de Opressões do CA para se focar no tema.
- Realizar atividades que estimulem o debate contra opressões entre os estudantes, como rodas de conversa, festas, saraus ou amostras.
- Intervir nas festas do vão para garantir a segurança de mulheres, LGBTs e negrxs.
- Avançar nas discussões com o departamento, para que se puna todos os casos de opressão.
- Exigir do departamento o uso desburocratizado do nome social de pessoas trans\*.
- Estimular a participação dxs estudantes de história no movimento, dentro ou fora da universidade.

A discussão de opressões, contudo, **não está completa sem atentarmos para a questão de cotas e permanência**. Sabemos que existe uma barreira para a entrada de oprimidxs na universidade, e mesmo ao ingressarem, existe ainda a barreira da permanência, **pois a universidade não garante condições para que todxs consigam se manter estudando**.

Para isso, propomos:

- Defesa a cotas raciais e sociais para o ingresso da universidade, e exigência do departamento para que este se posicione a favor das mesmas.
- Defesa da garantia de vagas no CRUSP para LGBTs, que muitas vezes são expulsos de casa pela família e não tem condições de se sustentarem sozinhxs e continuarem estudando.
- Defesa de mais vagas para mães no CRUSP, visto que atualmente existem poucas, e muitas mães não conseguem moradia ou precisam se mudar ao terem um filho.
- Construção de creches para que mulheres com filhos possam estudar e participar de atividades na universidade. continuarem estudando.
- Defesa de mais vagas para mães no CRUSP, visto que atualmente existem poucas, e muitas mães não conseguem moradia ou precisam se mudar ao terem um filho.
- Ampliação das creches para que mulheres com filhos possam estudar e participar de atividades na universidade.